

# COSMO LITTERARIO

Anno I

Redactor M. A. Major

N. 10

## Parte Litteraria

CONCEPÇÕES E PHANTASIAS  
PAGINA DECIMA.

### O Pedante.

A' Joaquim Antonio de Souza Ribeiro.

Os escriptores actuaes já estigmatizarão todos esses typos caricatos, que povoão, com seus bem adestrados principios, as imaginações as mais prosaicas, esses tartufos, que sob a casaca e sob a mascara do fingimento praticão os actos os mais horripilantes e as acções as mais indignas, e nem os mesmos hypocritas de faces enrugadas hão escapado as pennas satyricas d'esses sensatos e moralisadores escriptores; ha porém um ente que tem illudido a perspicacia de todos, que ha subtrahido-se as vistas publicas e que ora hypocrita e ora tartufo manifesta-se modesto para agradar erguendo-se momentos depois arrôgante e com fumaças de sabio para ir insultar desabridamente a aquelles que por sua educação, intelligencia e illustração achão-se mui acima d'elles: Esse ente, que a sociedade tem entre seus membros, é o *pedante*.

Eil-o n'um circulo de moços intelligentes, vejamos como representa o papel de que encarregou-se espontaneamente: torce o bigode, lembra os serviços que prestou a taes ou quaes associações, recorda que ja escreveu dramas, cujas scena embasbacarão os mesmos mortos e cujo lance teria o effeito da leitura dos *contos de Hoffmann*, falla em voz alta em louros colhidos em altas aventuras, em corôas ganhas em soberbas discussões, onde sua vez elevou-se até o éther e sua eloquencia arrebatou os ouvintes, e finalmente se qualquer dos assistentes lhe interrogar sobre um dos pontos em que fallou, então presencia-se um bello espectáculo: cahem as pennas do pavão, e a gralha apparece pura e simplesmente gralha, á admiração, que lhe votavão, succede a galhofa, e o *pedante* serve de ponto

de partida para todos esses, que, como Democrito, riem-se das misérias humanas.

Outr'ora o *pedante* era de outra cathegoria, e havia tanta differença como existia outr'ora differença no emprego da palavra — tyranno. —

O *pedante* era um professor, cujo tom severo impunha, e nós dava um cunho de illustração ou superioridade; o *pedante* de hoje é: a ignorancia presumindo-se sabichona, é a estupidez com ares de illustração, é o orgulho dos entes ignaros julgando-se *alguma cousa*, é emfim o quadro miseravel e lastimoso das paixões, que ainda ferrem no coração do homem.

A nossa penna, que traçou a pureza e a suavidade do *Retiro*, que patenteou a *Vida* tal qual ella é, que mostrou a entidade soberana do *Poeta*, que manifestou nas *Lgrimas* a resignação dos que soffrem, em *Alvares d'Azevedo*, *Almeida Garrett* e *Camões* o ápice da intelligencia e em o *Espirito litterario* a amplidão das tendencias dos povos espelhando-se em a litteratura; recusa traçar os quadros negros, em que paira o *pedante*, recusa mostrar ao publico as horripilantes scenas d'esse ente *hybrido*, que insulta aos homens modestos, salpica com sua baba peçonhenta os alvos vestes d'aquelles — que indifferentes as suas lastimaveis façanhas passão de cabeça altiva olhando para o céu — unico fito do justo que com resignação soffre!

Zreucten, em seus *Paineis sociaes*, apresenta o *pedante* senda mais perigoso na sociedade do que o mesmo salteador; e concordâmos com tão erudita opinião: porque onde estiver o *pedante* acha-se a calumnia, que, na expressão de Machiavello, *como o carvão sempre negreja*.

O edificio da calumnia é o chãos e como o *pedante* suppõe-se unico sabio que considera e investiga *os mares nunca d'antes navegados*, é talvez elle o unico capaz de consolidar os elementos da calumnia afim de ferindo os entes estranhos a suas artimanhas possa *encerrar em si o poema de satisfação*, que só pôde ser bem definido por Zreucten.

## Os Miseraveis verdadeiros

Romance original

DE

Manoel Antonio Major

PARTE PRIMEIRA

V

Ideas e factos.

(Continuação do numero antecedente)

Ha correntes indissolveis, que atão as cousas phisicas e moraes; pois bem entre essa filha e esse pae necessariamente existia uma d'essas correntes; porque o incommode d'um era a dor de outro, o sorriso d'este era o prazer d'aquelle, e quantas vezes os burguezes e notarios virão o banqueiro sorrir-se em seu escriptorio dizendo que participava da ale-

gria, que exultava no coração de sua filha, e essa affeição era admirada, explicada de mil maneiras e pessoa alguma comprehendia a immensidade d'esse amor, balsamo divino expandido em corações bem formados: quanto ao mais Amarantho era rico, gabola e jogador do *lotto*, e sua filha era um heroína: montava a cavallo, caçava, pintava, emfim era o typo do cavalheirismo da idade media annexo as ideas actuaes, e d'est'arte tambem era poetiza, caçadora e pintora: Homero no serio, Ovidio no volúvel e Voltaire na zombaria; Diana em quanto casta, Raphael na forma, Rubens no colorido, Salvador Rosa no bello eis typos do seu genio. Seu phisico era agradável e sua moral encantadora e cifrava-se n'esses poucos; porém leaes dictames: — « Amar um Deus, venerar a verdade, a religião e cumprir seus preceitos » e em diminutos preceitos resumia o que dissera-se d'esde Moyses até S. João e o que escrevêra-se desde o Genesis até o Apocalipse.

Em Pariz fallava-se muito no banqueiro Amarantho e alguma cousa acerca de sua filha, e esses narradores que augmentão, quasi sempre, os episodios, levárão ao mal essa unidade de corações; porque, no anno



A obra, *Paineis sociaes*, escripta na epocha em que a espada de Napoleão dominava, em que os canhões enviavam as missivas de uma diplomacia astuta e perigosa, contem em si tudo o que é bom, util e agradável para a experiencia da sociedade; porque mostra o astuto Fouché a par do hypocrita Tayllerand, a franqueza de Savary a par da deslealdade de Bernadotte, e emfim clara e concisamente procura elucidar o publico fazendo-lhe patente do maximo e do minimo, desde a corôa ao bonet, desde a realza até o ultimo chichibéo.

Um escriptor fallando sobre o pedante diz: Entra em ti, ó presumido e se te não podes ver com teus proprios olhos, consulta os de teu visinho, e elles te dirão que essas qualidades, que em ti admiras, ou te são inuteis, se não servem para fazer-te mais virtuoso do que és ou nocivas, se á maneira dos anjos máos. em vez de attribuil-as a Deus, tiras d'ahi alguma vaidade.

O pedante, que, na phrase de M. Mathias, *altos segredos desencerra, os calculos desfaz, e borra, e erra*, é tão querido da sociedade como póde ser querido o contagio que mata e o bafejo pestilento que corrompe.

A par dos typos, que ennodão a sociabilidade e que são motivos plausiveis dos escarnêos, e das gargalhadas — está o pedante, deixemol-o entregue a seus sonhos febres; porque alienada está sua mente, deixemol-o entregue a sua manomania de analysar, de preparar altos e soberbos edificios remercia-torios para offerecer á alguem, que ironica ou sarcasticamente, elogiar os dotes de sua pessoa; oremos por elle; porque é do dever do christão pedir a Deus por aquelles que vagabundeão pelos sinuosos trilhos da vida, oremos por elle afim de que a Providencia lance seus olhos misericordiosos sobre tão infeliz ser!

## Suicida

(Uma historia)

A respiração parecia ir gradualmente se lhe abafando, o sangue denotava estar-se-lhe gelando nas veias e seu corpo tornou-se de improviso languido!

Porém de repente, como despertando de um prolongadissimo

antecedente, Sophia recusára onze casamentos e seu pai applaudira seu procedimento; as commentações transbordavam, as phabulas e os contos batião-se irregularmente contra os escolhos da calumnia, e, apesar do que diz Machiavel, o banqueiro não perdêra a estima da sociedade em razão de seus actos externos, que mostravam a honradez e austeridade de sua vida e mais tarde como se a Providencia quizesse emmudecer todos esses que papagneiavam, espalhou-se o proximo casamento do Sr. duque de Niemen com a filha do honrado banqueiro, e de facto esse boato era verdadeiro e o coração de Sophia entreabria-se para conservar no seu receptaculo mais uma corrente d'esse fogo tão magnetico, segundo uns, e tão desastroso segundo outros.

— Então o que tens e o que sentes Sophia? perguntou o banqueiro remexendo nos papeis e cravando um olhar terno na moça, que parecia entregue a um lethargo.

— Meu pai, tive essa noute um sonho tão medonho, que agora mesmo ainda soffro o terror que experimentei e que de tal modo impressionou-me, gravando em memoria os caracteres terriveis, que tanto assustarão-

sonno, erguêo os olhos ao céu, e por entre as verdes folhas das arvores frondosas que adornavam aquelle lugar, deparou com a lua, cujos argenteos raios já quasi que mal se vião reflectir nas aguas chrystalinas de um lindo regato, que corria docemente a um dos lados sumindo-se pelo bosque, como querendo esquivar-se á ser testemunha do horrivel e medonho espectáculo, com que a dura e cruenta sorte o mimosearia talvez?!...

O infeliz mancebo continou a permanecer na mesma attitude, sempre de braços crusados e immovel como marmorea estatua: Contemplou por momentos a morbidez da lua, em quem suppoz encontrar lenitivo para suas magôas! Mergulhado assim, o desaventurado, em profundas meditações, exalou alguns mal-articulados gemidos!

A lua tendo vencido o seu curso, e sumindo-se, um denso crepre, formado de nuvens negras, envolveu o tetrico bosque.

Tudo era triste e silencioso n'aquelle ermo lugar: a propria coruja não ousava fender as ares com o seu piar lugubre!...

Um convulsivo tremor, qual choque electrico lhe correu de súbito por todo o corpo, uma nuvem negra passou-lhe pelos olhos, e em breve a vista se lhe turvou!...

Caminhou successivamente de um para o outro lado, levou a mão a cabeça e puxando vigorosamente pelos cabellos, vociferou e blasphemou contra o seu Deus, descreu da sua fé, e queixou-se amargamente d'avareza da sua sorte!...

No momento em que acabou de soltar á tenebrozidade da noite as suas queixas contra o autor da natureza, pareceu-lhe sôar, em seus ouvidos, o ruido de arrastamento de grossas correntes!... bulhas horriveis o atormentavam n'aquella hora tremenda! O rugir do vento assemelhava-se-lhe a vozes infernaes que lhe repercutião nos ouvidos as palavras: *Sê corajoso! não retrocedas do teu primitivo intento!.. busca na morte lenitivo a essa vida pejada de martyrios e dôres!...*

O desgraçado, impellido pelo desespero que lhe corroía o coração, soltou uma retumbante gargalhada!!!

A loucura já o dominava.

J. P. F.

(Continúa)

me: Vi-vos expulso de França como um mendigo e Armando atirado ao lodaçal da miseria, ambos perdidos para a patria e para mim...

— Deixai-vos d'isto, Sra. Cassandra.

Não me chameis Cassandra; porque se á esta os Troyannos escutassem terião descoberto as insidias dos Gregos.

— N'este momento reflectia eu, disse o banqueiro, em irnos passar o resto do mez de Junho em nossa quinta na Bretanha, e já tinha dado minhas ordens, e até para vêres o credito que dou aos teus vaticinios, convido o teu futuro... para connosco entrar na vida campestre, de que tanto gostas.

Um sorriso deslisou-se nos labios de Sophia e o banqueiro, como despertado pelo mesmo choque, sorriu-se e esfregou as mãos: demonstrações externas de um prazer interno.

Continúa.



## Parte Recreativa

Os theatros declinão ou engrandecem-se?

Se julgar-se pelas enchentes reaes, se appellar-se pelo repertorio dos mesmos, estamos e estamos convictos que o theatro cresce a proporção que diminue a arte e diminuem os artistas, se porém apreciar-se as entidades artisticas, o desempenho de suas funcções, então ainda uma vez ficaremos sentidos lastimando o deploravel estado da arte dramatica no Brasil.

Os theatros crescem; porque um Christovão Colombo dá enchentes; porém será elle bem desempenhado, envidarão os artistas todos os seus esforços para agradar o publico? — Respondão os échos perdidos da grande voz publica!

Bom tempo foi aquelle, em que Molière dominava, bom tempo foi aquelle em que João Caetano existia; hoje escreve-se *bem boas causas* porém que tornão-se *bem más* indo a scena; porque são decapitadas e enterradas...

A culpa é nossa; porque se collocassêmos no lugar devido — a arte, se lhe dessêmos cultores, se engrinaldassêmos suas fronte — não veríamos os mais ousados morrerem na miseria á mingoa de recursos, e os mais valentes succumbirem baldos de recursos; uns e outros martyres de bons principios e victimas do egoismo.

Se materialmente os theatros crescem em razão de as em-  
prezas semearem promessas e colherem aprimorados fructos, moralmente morrem; porque quando o theatro não moralisa, não educa, nem tão pouco ensina, torna-se inutil e ocioso, ou então converte-se em praça de almoedeiros e palhaços.

O Circo Olympico felizmente prosegue em sua carreira, dando continuamente lindos e variados espectaculos onde a companhia exhibe distinctas provas de pericia artistica, e onde o publico grato recompensa, por meio de applausos e frequencia, esses uteis obreiros, que concorrem para o augmento artistico.

Consta-nos que sahe a luz por esses dias, um drama em tres prologos, dezasete actos e quatro épilogos, drama que *ergue a fronte* para todas as produções dramaticas, e que *olha altivo* desafiando-os e procurando *lançar-os todos no rol do esquecimento*; sabendo nós que essa obra vai merecer as honras da imprensa, esperamos que appareça, afim de darmos o nosso juizo.

*Dr. Sagittario.*

## Parte Poetica

### Fragmento de uma lyra quebrada.

#### A Adultera.

Incauta presa de um fatal amor,  
Que voraz fogo lhe inflamára n'alma,  
Eil-a já perto do horroroso abysmo  
Talvez buscando do martyrio a palma!

Replecta a mente de confusos planos,  
Promove a luta entre a virtude e o crime :  
Avança, hesita, e, confrontando a sorte  
Suffoca a dor que o coração lhe opprime.

Se um passo guia ao seu pudendo intento  
Do esposo a voz na consciencia escuta ;  
Se o norte segue que a moral lhe aponta,  
Paixão sublime o coração lhe enluta !

Em quanto busca na celeste abobada  
A estrella amiga que a conduza á paz,  
Vêm animal-a n'um pensar chimerico  
Desejos vãos que a phantasia traz :

Quizera ter o encantador sorriso  
Que lhe roubára o fenecer da infancia,  
Da formosura a tão querida palma  
Tambem quizera disputar com ancia !

Na leda fronte virginal corôa  
Quizera ainda sustentar ufana,  
E no fulgor de seus mimosos olhos  
Turvar a luz que do empyreo mana !

Cheia de incantos, invejada e quista  
Da puberdade no festivo alvôz,  
Dizer quizera ao suspirado amante :  
— Sou tua !... agora da-me o teu amor !

Nas azas longas de um pensar tão doce  
Cuida alcançar o apogeu do gozo ;  
Mas, ah ! depressa o desengano amargo  
Vem revellar-se na palavra — espôso.

« — Esposo ! esposo ! — balbucia timida  
« — Esposo ! esposo ! — a delirar repete  
« Olha, venci-me : de mulher adultera  
Jamais terei o oppressor ferrete !...

« — Chega-te a mim que só a mim pertences ;  
Nós o jurámos do altar á face ;  
Vem apagar-me esta fogueira horrivel,  
Triste florir de uma paixão vorace !...

« — Que triste ideia me vagou na mente !...  
— Ella acortando quebrantada exclama,  
E, de si mesmo envergonhada, então,  
Pensa de adultera já ter a fama.

Lembra-se agora do sagrado laço  
Que o seu destino ao do consorte liga,  
Jura estreital-o com audaz coragem  
E da virtude ser fiel amiga.

Ai ! desgraçada, como crer podeste  
Que o agro influxo que teu peito cava  
Curvar-se póde a tão sublime voto  
Se tu já d'elle és humilhada escrava ?!..



Lavrou-te a sorte uma cruel sentença,  
Cruel sentença que infeliz te faz :  
Has de cumpril-a procurando o abysmo  
Onde te guia o teu amor fallaz !

. . . . .

Eil-a-fallando ao seductor infame  
Que da entrevista lhe declara o fim ;  
Cahe-lhe nos braços, e escondendo o rosto,  
Arrebatada pronuncia — o sim !...

*Figueiredo.*

## Saudação á Joven Agostinha

### A primeira artista do Universo

O. D. C

Linda menina, onde aprendestes tanto?...  
Quem tanto te ensinou?...

As graças te empréstão o seu encanto?

A gentileza, o berço, te embalou?...

Falla, linda menina, ensina ao mundo,

Onde se aprende a ser o que tu és ;

Mas não... o que tu sabes não se ensina

Foi fadado por Deos, linda menina,

Para todos se curvarem a teus pés !

Agilidade, ligeireza, encanto,

A graça, a formosura...

Tudo transluz em tua fronte bella,

Inda adornada de infantil capella,

Pallida serena e pura !

Quem póde descrever quanto és sublime

Companheira de Diana?...

E a nós filhos do sol quem é que exprime,

Os teus dotes de artista soberana?...

Se garbosa percorres esta arena,

Qual pomba gentil sobre uma esphera :

Fazes crer que na terra habitão anjos,

Junto dos entes onde a morte impera !!!

Lança ao desprezo essa verde cór

Symbolo da perfidia e da ignorancia,

Com que se adornão teus rivaes mesquinhos.

Da tua c'rôa o nitido fulgor,

Não poderá ser manchado

Nem apenas imitado.

Por quem da gloria cança no caminho,

Tu sim, tu, que prosegues sempre avante

Com a fronte adornada de mil flôres ;

Tu que tens um futuro deslumbrante,

Recebe mil applausos, mil louvores !

*J. P. T. M.*

## Meu viver.

Meu viver é tristonho como a noite  
Despida de luar — sem uma estrella ;  
É triste como as rosas resequidas  
Após o baile — em seio de donzella.

É triste qual os sons tirados d'harpa  
Por dedos de mulher — fendendo os ares ;  
Triste qual proscripto recordando  
Que jamais voltará aos patrios lares.

Meu viver é tristonho como a lampada  
Da morada de Deus — quasi a extinguir-se.  
É triste qual o sol quando no occaso  
Através das montanhas vai sumir-se.

É triste qual o som da corda frouxa  
Vibrada por um ente infortunado ;  
É triste como o cantico dos mortos  
Pelas vozes dos monges entoado

Meu viver é tristonho como a hora  
Do inferno nas fraguas d'agonia  
É triste qual masmorra onde jamais  
Se notou projectar a luz do dia.

. . . . .

*(Cantos nocturnos de GUALBERTO PEÇANHA.)*

## Carapuça.

É ditado, que o macaco  
Só repara mui lampeiro  
Na cauda do companheiro,  
E não olha para traz.

E não sabem que ha gente  
Qu'imitando o tal macaco  
Enche a torto e a direito  
De carapuças um sacco !

Clama contra o plagiato  
Que farem do Azevedo ;  
Mas imita o *F. Neves*,  
Que arripia ! que faz medo !!

E critico já quer ser  
Das carapuças o autor !  
Outro officio, meu amigo,  
Que este causa muita dor !

*C. Jr.*